



DIFERENÇA GERACIONAL: EM BUSCA DE OUTRAS LENTE PARA ENXERGAR A INFÂNCIA¹

Katia Regina de Sá²

RESUMO

Partindo da compreensão de infância como uma categoria da estrutura social a partir da diferença geracional, o presente estudo discute os conceitos de infância e culturas infantis e analisa um relato de experiência inspirado no currículo cultural de Educação Física, que valorizou as culturas infantis e o diálogo entre as gerações, assegurando o direito de participação das crianças no processo educativo e apontando caminhos possíveis na superação da invisibilidade da infância.

PALAVRAS-CHAVE: *Infância; diferença; currículo*

INTRODUÇÃO

Nos dois últimos séculos disseminou-se uma compreensão de infância como uma categoria da estrutura social a partir da diferença geracional, baseada principalmente nas teorias evolucionistas que descreveram as crianças como diferentes, pela sua incompletude e inferioridade em relação aos adultos. Mesmo com as tentativas de desconstrução esboçadas na pós-modernidade, a noção de diferença associada à inferioridade da infância ainda permanece no ambiente pedagógico, principalmente nos currículos de Educação Física que se fundamentam nas teorias biopsicológicas.

Na escola, quais são as representações que fazemos circular sobre nossos alunos? Como o adulto percebe a infância? Qual a participação das culturas infantis no currículo? A Educação Física pode buscar outras lentes para enxergar a infância e desenvolver currículos que respeitem e valorizem as diferenças geracionais?

Com o intuito de buscar respostas para tais perguntas, o objetivo do presente estudo é discutir os conceitos de infância e culturas infantis e analisar um relato de experiência inspirado no currículo cultural de Educação Física. As discussões e análises foram desenvolvidas a partir do referencial teórico da sociologia da infância e das teorias críticas e pós-críticas de currículo.

INFÂNCIA E CULTURAS INFANTIS

A concepção de infância se altera de acordo com os discursos que circulam na sociedade, portanto, é fundamental refletir sobre a infância enquanto construção social e não como algo natural. Por volta do século XVIII, ocorreu a institucionalização da infância com a consequente separação das crianças do mundo adulto. Como

¹ O presente texto não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

² Universidade de São Paulo (USP) / Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG), katia.sa.bh@gmail.com

parte do projeto de governamento das populações, foram criados no século XIX os sistemas nacionais de ensino e a escola tornou-se o passaporte para o indivíduo civilizar-se, para sair da barbárie, ela exercia seu poder, principalmente, através do disciplinamento dos corpos das crianças, numa ordenação rigorosa do tempo e do espaço (BUJES, 2006). Nas escolas mineiras do início do século XX, a disciplinarização dos corpos infantis se revelou em programas escolares da época, que submeteram os corpos das crianças a um conjunto de práticas estranhas ao seu universo, sob o primado da correção, do endireitamento e da constituição dos corpos, essa era a finalidade da Educação Física que se queria realizar (VAGO, 2004).

Nas últimas décadas do século XIX inauguram-se, de forma sistemática, as “ciências da infância”. A psicologia do desenvolvimento, a pediatria e a psiquiatria são alguns exemplos de áreas que passam a difundir ideias sobre os desenvolvimentos psicológico, mental, cognitivo, motor e físico da criança (QVORTRUP, 2015). Para essas ciências, o desenvolvimento infantil era estudado como um processo evolutivo, no qual cada estágio completado aproximava gradativamente a criança do modelo ideal de ser humano – o adulto ocidental típico.

Ao longo do século XX, cresceu o esforço pelo conhecimento da criança no campo das ciências humanas. Estudos provenientes da História, Sociologia e Antropologia apresentaram importantes contribuições e nos permitiram compreender que crianças são cidadãs, pessoas detentoras de direitos, que produzem cultura e são nela produzidas.

As ciências sociais têm criticado e desmistificado as ideologias dominantes do capitalismo em relação à classe social, do colonialismo em relação à raça e do patriarcado em relação ao gênero. Contudo, a ideologia do desenvolvimento tem-se mantido relativamente intacta no que diz respeito à infância (JENKS, 1994). Em muitas instituições ainda prevalece o conceito fundamentado predominantemente nas narrativas psicológicas, que desconsideram a condição histórica e política, tomando essa fase somente como uma preparação para a vida adulta (QVORTRUP, 2015).

Diferenças de gênero, classe, etnia e história constroem diferentes mundos da infância (SARMENTO, 1997). Contudo, estudar a infância, enquanto categoria social do tipo geracional é um pressuposto da Sociologia da Infância, pois apesar das diferenças, as crianças têm muito em comum. Para muitos, a criança ainda é considerada como não adulto e este olhar registra especialmente a ausência, inscrita na palavra latina que designa esta geração: *in-fans* – que não fala. Os processos de qualificação da infância por negação (não fala, não razão, não trabalho) são atos simbólicos de expressão do adultocentrismo. A infância deve a sua diferença à presença de características distintivas, ela é um grupo social de sujeitos ativos, que interpretam e agem no mundo, que produzem cultura. As culturas infantis constituem-se como importante aspecto da diferenciação da infância (SARMENTO, 2007).

A INFÂNCIA NO CURRÍCULO CULTURAL

O currículo cultural da Educação Física busca inspirar-se nas teorias pós-críticas da educação, sobretudo nos pressupostos dos Estudos Culturais e do

multiculturalismo crítico, para tematizar as manifestações da cultura corporal – brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas –, investigando e debatendo questões que constituem as formas contemporâneas de luta social e abordando marcadores sociais como etnia, gênero, religião, tempo de escolarização, local de moradia, etc. Além disso, reafirmam a centralidade da cultura nas questões relacionadas ao currículo e à necessidade de promover o diálogo entre e a partir das culturas. Em ação, esse currículo valoriza a reflexão crítica sobre as práticas corporais do universo vivencial dos alunos para, em seguida, aprofundá-las e ampliá-las mediante o diálogo com outras vozes e outras manifestações, inclusive as culturas infantis. Um currículo de Educação Física multiculturalmente orientado pode ser uma alternativa para se posicionar a favor das crianças, grupo geracional historicamente desprovido de poder e oprimido pelo adultocentrismo, embora reconheçamos que as crianças também exercem poder entre si e com os adultos.

Inspirados no currículo cultural da Educação Física, alguns professores relataram no livro *Educação física e culturas: ensaios sobre a prática* (NEIRA; NUNES; LIMA, 2014) suas experiências abordando diferentes marcadores sociais. Um dos relatos presentes nesse livro - *Amarelinha: brincadeira de bebê ou brincadeira de criança?* - desenvolvido pelo Prof. Franz Carlos Oliveira Lopes, foi desenvolvido numa turma de 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal de São Paulo, alicerçado no campo teórico dos Estudos Culturais e fundamentado nas orientações didáticas do currículo cultural da Educação Física. O projeto foi produzido a partir de uma prática educacional que valorizou os saberes das crianças, assumindo estas como produtoras de cultura e “desconstruiu representações elaboradas em meio às relações de poder que marcam sujeitos em posições sociais assimétricas, no caso, os sujeitos infantis” (LOPES; SHIGETOMI; ALVES 2014 p. 35). Por isso, o mesmo foi analisado como uma possibilidade no sentido de reconhecer e valorizar as infâncias.

A análise do relato indica que ao elaborar, compartilhar e reelaborar suas representações sobre as práticas corporais, as crianças vivenciaram a dinâmica entre universalidade e singularidade, pois entraram em contato com os elementos externos presentes em suas comunidades e apresentados pelos seus pares, mas também se posicionaram e criaram os seus próprios saberes sobre as brincadeiras. A influência etapista e desenvolvimentista percebida na sociedade sugere uma progressão de brincadeiras adequadas para cada faixa etária, nas quais as brincadeiras dos mais novos apresentam menor valor. Ao invés de aceitar essa hierarquização como natural, o professor optou por problematizá-la, pois além de identificar as características da amarelinha e de elaborar formas de registros a partir das vivências, o projeto buscou desestabilizar as ideias fixas que relacionavam a amarelinha a uma determinada faixa etária.

O professor assumiu o compromisso de ouvir as crianças, de legitimar os saberes culturais daquela turma de alunos e de valorizar a cultura infantil. Ele percebeu o preconceito em relação à faixa etária e a influência dos variados discursos que tentam estabelecer verdades sobre o modo ideal de ser, em cada estágio. Ele tencionou desconstruir esses discursos e deu abertura aos alunos para que atribuíssem novos significados à amarelinha, posicionando-os como sujeitos produtores de cultura. Portanto, trata-se de uma experiência multiculturalmente orientada que valorizou as culturas infantis, o diálogo entre as gerações e que assegurou o direito de

participação das crianças no processo educativo, reconhecendo as diferenças sem a intenção de hierarquizá-las.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A diferença é um tema candente na atualidade e presente na pauta das políticas públicas. Ao lado da luta de classes, se colocam as lutas de outros grupos minoritários que reivindicam a equidade e lutam por mais justiça social. O relato analisado demonstra a possibilidade de lançar outros olhares sobre a infância a partir do currículo cultural e a possibilidade do professor de Educação Física se posicionar em favor dos direitos da infância através de sua prática, que é política e pedagógica. Na luta pela justiça social, a escola tem papel fundamental nas discussões e ações que envolvem a infância. Para tanto, as práticas pedagógicas poderiam se pautar em tais discussões e em currículos multiculturalmente orientados que problematizem e valorizem as culturas infantis. O relato de experiência analisado adotou percursos onde as vozes das crianças foram ouvidas e valorizadas, onde as diferenças geracionais foram problematizadas, apontando caminhos possíveis na superação da invisibilidade da infância.

GENERATIONAL DIFFERENCE: SEARCHING FOR OTHER LENSES TOO SEE CHILDHOOD

ABSTRACT: Starting from the understanding of childhood as a category of social structure based on generational difference, the present study discusses the concepts of childhood and children's cultures and analyzes an experience report inspired by the cultural curriculum of Physical Education that values children's cultures and the dialogue between generations, ensuring the right of children to participate in the educational process and pointing out ways of overcoming the invisibility of childhood.

KEY-WORDS: *childhood; difference; curriculum*

DIFERENCIA GENERACIONAL: EN BÚSQUEDA DE OTROS LENTES PARA VER LA INFANCIA

RESUMEN: De la comprensión de la infancia, como una categoría de la estructura social a partir de la diferencia generacional, el presente estudio analiza los conceptos de infancia y las culturas de los niños, y analiza una experiencia inspirado en el plan de estudios culturales de la educación física, que ha valorado las culturas de los niños y el diálogo entre las generaciones, asegurando el derecho de participación de los niños y señalando caminos para la superación de la invisibilidad de la infancia.

PALABRAS CLAVE: *Infancia; diferencia; Plan de estudios*

REFERÊNCIAS

BUJES, Maria I. E. Outras infâncias? In SOMER, L. H.; BUJES, M. I. E. (Org.) **Educação e cultura contemporânea**: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens. Canoas: Ulbra, 2006.

JENKS, Chris. Constituindo a criança. Educação, Sociedade e Culturas. **Crescer e aparecer ou... para uma sociologia da infância**. p, 185 - 216, N 17. Porto: Afrontamento, 1994,

LOPES, Franz C. O.; SHIGETOMI, Glaucia T.; ALVES, Simone. Amarelinha: brincadeira de bebê ou brincadeira de criança? In NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari; LIMA, Maria Emília, (Org.). Educação Física e culturas: ensaios sobre a prática - Volume II. São Paulo: FEUSP, 2014.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari; LIMA, Maria Emília, (Org.). **Educação Física e culturais**: ensaios sobre a prática - Volume II. São Paulo: FEUSP, 2014.

QVORTRUP, Jens. A dialética entre a proteção e a participação. **Currículo sem Fronteiras**, v. 15, n. 1, p. 11-30, jan./abr. 2015.

SARMENTO, Manuel Jacinto. AS CRIANÇAS E A INFANCIA: definindo conceitos, delimitando o campo. In PINTO, M.; SARMENTO, M. J. **As crianças**: contextos e identidades. Braga: Centro de Estudos da criança / Universidade do Minho, 1997.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Visibilidade social e estudo da infância, p. 25 - 49. In VASCONCELLOS, V. M. R.; SARMENTO, M. J. (Org.). **Infância (in)visível**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2007.

VAGO, Tarcísio M. Da ortopedia à eficiência dos corpos: a gymnastica e as exigências da “vida moderna” (Minas Gerais, 1906-1930). **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 10, n. 3, p.77-97, 2004.